

Permitidas a reprodução e a distribuição. Para alterações, solicitar o prévio consentimento da ICK.

Edição Número 15 - Outono / 2007

ICK em revista

www.krishnamurti.org.br

Instituição Cultural Krishnamurti
Rua dos Andradas, 29 - 1007
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20051-000
Tel./Fax: (21) 2232-2646



Nota Editorial

Artigos

[O primeiro passo é o último passo](#)

[Nunca questionamos o tempo](#)

[O passado jamais pode ser posto de lado](#)

[O problema da consciência](#)

Notícias

[Encontro público no dia 23 de junho](#)

[Encontro internacional de comitês](#)

Nota Editorial

Enquanto as nações constituintes do G8 decidem ampliar o auxílio financeiro à África para um total de US\$ 60 bilhões, a Organização das Nações Unidas divulga suas projeções: em 2025, estima-se que dois terços da população mundial não disponha de água potável, e que haja um total de mais de 8 bilhões de pessoas sobre a superfície terrestre.

Na última reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a Inglaterra citou como prioritária a questão da água, deixando claro que a escassez de água doce não será simplesmente um problema ambiental, mas fonte de insegurança, terrorismo e guerras ao redor do mundo, além de impactar diretamente a agricultura e, por conseguinte, toda a produção de alimentos.

Nesse momento, um retrato da situação mundial revelaria que a miséria pode ser erradicada por completo, desde que resolvamos as questões políticas e o nacionalismo. Pelo menos, de acordo com o censo do governo dos Estados Unidos, a população mundial atual é de 6 bilhões e 300 milhões de pessoas, dos quais 2 bilhões vivem em condições sub-humanas. E sabemos que, de 1961 a 2000, o crescimento da produção mundial de alimentos foi superior ao crescimento populacional.

Mas é provável que, nos próximos vinte anos, o retrato seja outro: a escassez será real, e não apenas uma questão de política. A insuficiência na produção de alimentos, aliada ao difícil acesso à água potável e ao saneamento básico, pode ser responsável por imensas catástrofes, se levarmos em conta que o poderio militar global é hoje talvez centenas ou milhares de vezes superior ao necessário para extinguir toda a vida no planeta.

A essa altura, onde estamos nós? Quem responde pela Terra? Podemos reverter esse quadro com ações políticas e econômicas? O que nós, cidadãos comuns e "reféns" de toda essa imensa estrutura, podemos fazer? Hoje já não se sabe ao certo quais serão os custos de salvar a vida na Terra, mas podemos ter certeza de que o tempo é nosso recurso mais escasso. Ainda não tivemos lucidez suficiente para perceber o que significa a afirmação de que nosso futuro depende do que iremos fazer, dizer e modificar nos próximos 20 ou 30 anos. De acordo com Krishnamurti, o viver correto não depende do tempo.

O primeiro passo é o último passo

Pupul Jayakar: Ontem você disse: O primeiro passo é o último passo. Para entender essa afirmação, eu acho que deveríamos investigar o problema do tempo, e se há uma tal coisa como um estado final de iluminação. A confusão surge porque nossas mentes estão condicionadas a pensar na iluminação como o estado final. A compreensão ou iluminação é um estado final?

Krishnamurti: Você sabe, quando dissemos que o primeiro passo é o último passo, não estávamos pensando no tempo como um movimento horizontal ou vertical? Não estávamos pensando em movimento ao longo de um plano? Estávamos dizendo ontem que se pudéssemos pôr de lado o horizontal e o vertical, como um todo, poderíamos observar esse fato, a saber, de que onde quer que estejamos, qualquer que seja o nível de nosso condicionamento, a percepção da verdade, do fato, é naquele momento o último passo.

Considere um funcionário em um pequeno escritório com toda a miséria envolvida nisso - o funcionário escuta e naquele momento realmente vê. Esse ver, essa percepção, é o primeiro e o último passo, porque naquele momento ele tocou a verdade e ele vê algo muito claramente. A própria percepção traz liberação. Mas o que ocorre em seguida é que ele quer cultivar aquele estado, ele quer perpetuá-lo, transformá-lo num processo. E, portanto, ele é capturado e perde a qualidade de percepção inteiramente.

O que estamos dizendo é que todos os métodos, práticas, sistemas, implicam um processo, um movimento do horizontal ao vertical, em direção a uma finalidade, a um ponto que não possui movimento. Se não houvesse um ideal conceitual de finalidade, não haveria processo.

P: Toda a estrutura do pensamento é construída num movimento horizontal.

K: Estamos habituados a ler um livro horizontalmente.

P: Tudo tem um começo e um fim.

K: E pensamos que o primeiro capítulo deve inevitavelmente levar ao último; sentimos que todas as práticas conduzem a uma finalidade, a uma revelação - tudo isso é leitura horizontal. Nossas mentes, olhos e atitudes estão condicionados a funcionar ao longo do horizontal, no fim do qual há

finalidade - o livro terminou. Você pergunta se a verdade ou iluminação é uma aquisição definitiva, um ponto definitivo além do qual não há nada.

P: Um ponto de onde não se pode escorregar de volta. Eu posso por um momento tocar a qualidade *daquilo*. Pouco depois, o pensamento surge novamente, e eu digo a mim mesma: estou de volta ao velho estado. Eu questiono se aquele toque tem qualquer validade, de todo. Eu ponho uma distância, um bloco entre aquele estado e eu, e digo: se ele fosse verdadeiro, o pensamento não surgiria.

K: Eu percebo algo que é extraordinário, algo que é verdadeiro; eu quero perpetuar essa percepção, dar-lhe uma continuidade de modo que essa percepção continue durante minha vida diária. Eu acho que é aí que reside o erro. A mente viu algo verdadeiro. Isso é o bastante. Essa mente é uma mente clara, inocente, que não foi ferida. O pensamento quer carregar essa percepção através da vida diária.

A mente viu algo muito claramente. Deixe isso aí. O próximo passo, o abandono disso, é o passo final. Por já estar fresca para dar o próximo, o último passo no movimento diário da vida, minha mente não carrega; a percepção não se tornou conhecimento.

P: O ego como agente em relação ao pensamento e ao ver tem de cessar.

K: Morra para o pensamento que é verdadeiro. De outro modo ele se torna memória, que então se torna pensamento, e o pensamento pergunta: como eu posso perpetuar esse estado? Se a mente vê claramente, e ela só pode ver claramente quando o ato de ver é seu próprio findar, então a mente pode começar um movimento onde o primeiro passo é o último passo. Nisso não há processo envolvido, de todo; não há elemento de tempo. O tempo entra quando, tendo visto claramente, tendo percebido isso, há o ato de carregá-lo e aplicá-lo ao próximo incidente.

P: O carregar é o não-ver ou o não-perceber.

K: Então, todas as abordagens tradicionais que oferecem um processo devem ter um ponto, uma conclusão, uma finalidade. É como dizer que há muitas estradas para a estação. A estação então é um ponto fixo. Mas qualquer coisa que tenha uma finalidade - um ponto definitivo - não é uma coisa viva em absoluto. A verdade é uma finalidade? Isso significa que uma vez que eu esteja no trem nada pode me acontecer, que o trem *vai* me carregar até meu destino?

Isso é, uma vez que você tenha atingido a verdade, todo o resto - suas ansiedades, seus medos e assim por diante - está acabado? Ou isso funciona de um modo completamente diferente?

Um processo implica um ponto fixo. Sistemas, métodos, práticas, todos oferecem um ponto fixo, e prometem ao homem que quando ele atingir o fim todos os seus problemas estarão terminados. Existe algo que é totalmente atemporal? Um ponto fixo está dentro do tempo. Está dentro do tempo porque você o postulou, porque se pensou a respeito dele; e o pensar é tempo. Pode-se chegar até essa coisa que não deve ter nenhum tempo, nenhum processo, nenhum sistema, nenhum método, nenhum caminho?

Pode essa mente que é tão condicionada horizontalmente, sabendo que vive horizontalmente, perceber aquilo que não é nem horizontal nem vertical? Pode ela perceber por um instante? Pode ela perceber que o ver foi purificado e terminá-lo? Nisso estão o primeiro e o último passos, porque a mente viu de modo novo.

Sua questão, "Uma mente assim está para sempre livre de problemas?", é uma questão errada. Quando você põe essa questão, você ainda está pensando em termos de finalidade, você já chegou a uma conclusão, e assim está de volta ao processo horizontal.

P: A sutileza disso é que a mente tem de fazer perguntas fundamentais, mas nunca perguntar *como*.

K: Absolutamente. Eu vejo muito claramente; eu percebo. Percepção é luz. Eu quero carregar isso como memória, como pensamento, e aplicar ao dia-a-dia. Portanto eu introduzo dualidade, conflito, contradição. Então eu digo: como posso ir além disso?

Percepção é luz para essa mente. Ela não está mais preocupada com a percepção porque, se estiver, esta se torna memória. Pode a mente, vendo algo muito claramente, terminar essa percepção? Então o próprio primeiro passo é o último passo, aqui. A mente está fresca para olhar.

Os problema terminam para uma mente assim? Ela não faz essa pergunta. Veja o que acontece. Quando eu ponho a questão: "Isso vai acabar com todos os problemas?", já estou pensando no futuro e, portanto, estou preso no tempo.

Mas eu não estou preocupado. Eu percebo. Está acabado. Portanto, a mente nunca é aprisionada no tempo. Porque eu dei o primeiro passo, também já dei o último, *a cada momento*.

Então vemos que todos os processos, todos os sistemas, devem ser completamente negados porque eles perpetuam o tempo; através do tempo

você espera chegar ao atemporal.

P: Eu vejo que os instrumentos que você usa são ver e ouvir. Esses são movimentos sensoriais. É através de movimentos sensoriais que o condicionamento também nasce. O que é que faz com que um movimento dissolva por completo o condicionamento enquanto outro o fortalece?

K: Como eu ouço essa questão? Primeiramente, eu não sei; eu vou aprender. Se eu aprendo para adquirir conhecimento, a partir do qual eu vou agir, essa ação se torna mecânica. Mas quando eu aprendo sem acumular, o que significa perceber, ouvir sem adquirir, a mente está sempre vazia.

Então qual é a questão? Pode a mente que está vazia ser condicionada em algum momento? E por que ela fica condicionada? Pode a mente que está realmente ouvindo ser condicionada em algum momento? Ela está sempre aprendendo; está sempre em movimento - não um movimento de algo em direção a algo. Um movimento não pode ter um início e um fim. É algo que está vivo, nunca condicionado. Uma mente que adquire conhecimento para funcionar está condicionada por seu próprio conhecimento.

P: É o mesmo instrumento que opera em ambos?

K: Eu não sei. Eu *realmente* não sei. A mente que está amontoadada com conhecimento vê de acordo com esse conhecimento, de acordo com esse condicionamento.

P: Senhor, ver é como acender uma lâmpada; não tem condicionamento em si mesmo.

K: A mente está cheia de imagens, palavras, símbolos, através dos quais ela pensa, vê.

P: Ela vê?

K: Não. Eu tenho uma imagem de você, e eu olho através dessa imagem; isso é distorção. A imagem é meu condicionamento. É ainda o mesmo recipiente com todas as coisas dentro, e é o mesmo recipiente que não tem nada dentro. O conteúdo do recipiente é o recipiente. Quando não há conteúdo, o recipiente não tem forma.

P: De modo que pode receber "o que é".

K: A percepção só é possível quando não há imagem - nenhum símbolo, nenhuma idéia, nenhuma palavra, nenhuma forma. Então a percepção é luz. Não é que eu veja luz; há luz. Percepção é luz. Percepção é ação. E uma mente que está cheia de imagens não pode perceber; ela vê através de imagens e então é distorcida. O que nós dissemos é verdadeiro; é logicamente assim. Eu tenho escutado. No fator de escutar não há "eu"; no fator de carregar, há o "eu". O "eu" é tempo.

Nova Délhi, 19 de Dezembro de 1970

De Tradition and Revolution, pg. 20-24

© 1972 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd, Londres

Nunca questionamos o tempo

O funcionário, o pobre coitado que, por quarenta anos seguidos, tem de dirigir-se todos os dias a seu escritório, de trem subterrâneo, de ônibus, em transportes repletos de passageiros, malcheirosos, sujos - só pode nutrir a esperança de um dia tornar-se "Gerente". A mulher o incita, a sociedade o impele, o compele a ser alguma coisa neste mundo, dono de uma casa maior, com mais conforto, mais satisfações. Todos necessitam de satisfação, de conforto físico. E, hoje em dia, cientificamente, é perfeitamente possível proporcioná-lo a todos os entes humanos. Mas isso não se verifica porque somos muito estúpidos: separamo-nos em nacionalidades; somos bairristas, estamos separados por línguas diferentes, etc., etc. Eis o nosso único empecilho.

Assim como o bancário deseja tornar-se gerente do banco, e o gerente aspira a ser diretor, assim como o vigário aspira a ser arcebispo, assim como o *sanyasi* deseja "vir a ser", alcançar, no final de tudo, isto ou aquilo - assim também nós adotamos perante a vida a mesma atitude. Abeiramo-nos do viver de cada dia com a idéia de realização e, assim, psicologicamente, abeiramo-nos da vida, dizendo "devo ser bom", "devo fazer isto", "devo vir a ser...". É a mesma mentalidade, a mesma ambição; portanto, introduzimos o tempo em nosso viver. Nunca questionamos o tempo. Nunca dizemos: "É mesmo assim? Daqui a dez anos serei feliz, inteligente, vigilante, imensamente rico interiormente, e então só uma coisa existirá?". Nunca questionamos o tempo; aceitamo-lo, como temos aceito tudo o mais: cegamente, estupidamente, sem pensar, sem raciocinar.

Por isso eu digo que o tempo é veneno, que o tempo é um perigo contra o qual deveis estar sumamente precavidos, perigo tão vivo como um tigre. Deveis estar consciente, a cada minuto, de que o tempo é um veneno mortal, uma coisa fictícia. Estais vivendo hoje; e não podeis viver hoje, de modo completo, com riqueza, plenitude, com extraordinária sensibilidade à beleza, à graça, se vindes com toda a carga de ontem. (...)

De *O Despertar da Sensibilidade*, pg. 150-151

© Instituição Cultural Krishnamurti

O passado jamais pode ser posto de lado

O passado jamais pode ser posto de lado. Há uma observação do passado à medida que ele se vai, mas sem se ocupar com ele. Assim a mente é livre para observar e não escolher. Onde há escolha nesse movimento do rio da memória, há ocupação, e no momento em que a mente se ocupa, é apanhada no passado: e quando a mente está ocupada com o passado, é incapaz de ver algo real, verdadeiro, novo, original, incontaminado.

Uma mente que está ocupada com o passado - o passado é toda a consciência que diz "isso é bom; isso é mau; isso é meu; isso não é meu" - jamais pode conhecer o Real. Mas a mente não ocupada pode receber aquilo que não é conhecido, que é o desconhecido. Isto não é um estado extraordinário de algum *yogi*, algum santo. Apenas observa sua própria mente; quão direta e simples ela é. Veja como sua mente está ocupada. E a resposta, com que a mente está ocupada, lhe dará a compreensão do passado, e portanto a liberdade em relação ao passado. Você não pode pôr o passado de lado. Ele está aí.

De *Collected Works*, Vol. 7
Bombaim, 4 de março de 1953

O problema da consciência

(...) Pode a mente - o único instrumento que possuímos - pode o eu deixar de existir, deixar de acumular? Pode a mente que acumula conhecimentos, experiências, lembranças, libertar-se completamente? Pode ela ficar observando o desfilar das lembranças, experiências, conhecimentos, permanecendo, ela própria, por assim dizer, à margem da corrente, sem se prender a qualquer lembrança, a qualquer experiência - livre e indefinidamente ancorada na sua liberdade?

O fato é que não podemos pôr de parte o nosso saber, nossas experiências e lembranças, uma vez que tais coisas existem. Mas podemos observá-las, no seu desfile, sem nos apegarmos a nenhuma delas, agradável ou desagradável. Isso não requer exercício, pois, quando nos exercitamos, estamos acumulando, e sempre que há acumulação há fortalecimento do eu. O eu, que pertence ao tempo, que deseja e cultiva a virtude, acumula incessantemente. A Realidade nada tem em comum com a virtude adquirida. Entretanto, a virtude é necessária, a virtude própria do estado não-acumulativo. O homem que está observando o perpassar das suas experiências, lembranças, conhecimentos, sem a eles se prender, esse homem não aspira à virtude; não está acumulando. Quando a mente já não está acumulando; quando a mente está desperta para todo o processo da consciência, com todas as suas lembranças e motivos inconscientes, todos os impulsos de gerações, de séculos, deixando tudo isso passar por ela sem a nada se prender - não se acha então a mente fora do tempo? A mente que, embora consciente das experiências, não se prende a nenhuma delas, já não está livre da rede do tempo? O que constitui o tempo é a ocupação da nossa mente com a memória, é a capacidade de distinguir diferentes lembranças. E pode a mente permanecer livre do tempo, do conhecimento, que é memória, experiência, palavra, símbolo? Pode a mente estar livre de tudo isso e, por conseguinte, fora do tempo? Não haverá, então, no centro, uma revolução, uma transformação fundamental? A mente, nesse ponto, já não está lutando mais por um resultado, para acumular, chegar a um fim. Então, não há mais temor. A mente, em si mesma, é o desconhecido, o novo, o incontaminado. Por conseguinte, é o real, o imaculado, que está fora do tempo.

De Poder e Realização, pg. 67-73

© 1957 Instituição Cultural Krishnamurti

Livro esgotado

Encontro público no dia 23 de junho



Gostaríamos de convidar o leitor para nosso próximo encontro público, a ser realizado no dia **23 de junho à Rua Diniz Cordeiro, 26, em Botafogo, no Rio de Janeiro**. Esta rua começa na Rua Real Grandeza, próximo às esquinas das ruas Pinheiro Guimarães e General Polidoro.

Iniciando às **14:30**, teremos a exibição do DVD "**Liberte-se do Eu**", registro da **3a palestra pública da série de Brockwood de 1983**. Em seguida, após um breve intervalo para o café, daremos início ao debate entre aqueles que desejarem participar.

Nosso maior propósito é possibilitar aos leitores de Krishnamurti a oportunidade de um contato mais próximo, para explorarmos juntos as questões essenciais colocadas pelos ensinamentos. O evento é completamente gratuito, e pedimos ao leitor interessado que se cadastre, entrando em contato conosco por telefone, fax ou e-mail. Ficaremos honrados com a sua presença.

Encontro internacional de comitês

No próximo dia 3 de julho, a convite da Krishnamurti Foundation Trust, nossa instituição participará do International Comitees Meeting (Encontro Internacional de Comitês), em Brockwood Park, na Inglaterra. Instituições de vários países do mundo, como Tailândia, França, Espanha e Portugal, entre muitos outros, enviarão representantes a esse importante evento.

Teremos a rara oportunidade de compartilhar nossos desafios e questões relativos à divulgação e preservação dos ensinamentos. Em um evento desse porte, poderemos ter um panorama mais nítido das atividades mundiais ligadas à obra de Krishnamurti.

Sabemos que países como o Vietnã, por exemplo, ainda enfrentam dificuldades extraordinárias. De acordo com artigo recente da revista *The Link*, as autoridades do país confiscam obras consideradas "indesejáveis" sob a ótica da liderança comunista. Embora haja grupos muito dedicados ao estudo dos ensinamentos, tudo tem de ser feito às ocultas para fugir da repressão governamental.

No outro extremo, temos países como a França ou Portugal, com uma atmosfera propícia à divulgação dos ensinamentos e cujos desafios certamente figuram entre o aspecto financeiro e a divulgação propriamente dita, permitindo ainda um trabalho sério em educação, área em que a Argentina e o próprio Brasil também têm bastante a contribuir.

Com um espectro tão variado, esperamos que o encontro traga novos ares a todos os grupos e nos permita estreitar os laços com outras organizações ao redor do globo.